

INTRODUÇÃO À RECREAÇÃO

O que é recreação? Qual sua história?

Essa introdução objetiva trazer compreensão do que é a recreação a partir de sua história. A recreação vem assumindo, na atualidade, o formato de entretenimento, com a presença de “tios” e “tias” que alegam o cotidiano por meios de jogos e brincadeiras. Mas as aparências enganam. Existe uma diversidade de possibilidades de atuação profissional e métodos de trabalho. Isso é decorrente da complexidade que a recreação possui, sendo uma combinação de arte, humor, psicologia, atividade motora e educação.

Embora seja costume dizer que a recreação existe desde a pré-história, isso é fruto de uma confusão conceitual entre lúdico (algo natural) e recreação, que é uma prática social. Claro, não se pode negar que em outras épocas, havia aspectos próximos à recreação presentes no cotidiano das culturas. Todavia essas práticas não eram caracteristicamente recreativas, mas a soma do impulso lúdico com tradição, religiosidade, política, sexo, trabalho e ritual. Recreação como uma prática específica só viria a ocorrer no Século XVII.

Isso não significa que as pessoas não se recreassem. No dicionário, recrear é sentir prazer ou divertir-se. Recreação é sinônimo de recreio, ou seja, divertimento, brincadeira, entretenimento (MELHORAMENTOS, 1997). Já na língua latina clássica, recreo significa restaurar, renovar, reanimar (BUSARELLO, 2007). Preste atenção, portanto, que o fazer (o verbo) surge antes da coisa (substantivo). Portanto, podemos imaginar que na Antiguidade as pessoas não estavam interessadas em dar um nome ou identidade à prática. Estavam mais interessadas em fazer, em se recrearem, e aproveitarem dos benefícios dessa prática. Nesse sentido, podemos ver uma finalidade mais hedonista, que é a diversão por si, e uma mais produtiva, que é a recuperação do estado de ânimo.

As primeiras reflexões sobre como esse recreio teria um potencial utilitário vem da Grécia Antiga. A ideia de educar de forma lúdica está presente no pensamento ocidental desde Aristóteles, que propunha o jogo como uma tecnologia de educação na infância. Obviamente, que também eram realizados os espetáculos, que visavam predominantemente a diversão, passando a serem produzidos eventos destinados à manipulação das massas.

Na Idade Média, a figura do recreador já está presente, por exemplo, nas atividades dos nobres que são planejadas pelo bobo da corte. Ele também é visto como alguém a quem se permite realizar críticas sociais, a exemplo do stand up moderno. Mas, entre os plebeus também havia diversões dirigidas, em geral pela Igreja, como no caso das quermesses. A ideia de controle social sobre o lúdico já se torna evidente. A mensagem era que, até a diversão cristã, deveria ser moralmente edificante.

Gradativamente, o que hoje entendemos por recreação – atividades lúdicas dirigidas – foi ganhando identidade, especialmente na condição de um meio para se educar para alguma coisa. Especialmente na Modernidade, ganha força a preocupação em desenvolver uma forma racional de se recrear. A recreação ganha existência com o surgimento de metodologias de ensino, passando a ser uma ferramenta pedagógica para educação, especialmente das crianças. Logo, se antigamente as pessoas se recreavam, existe hoje a recreação como uma área profissional, dotada de um especialista que conduz as atividades recreativas. A essência da atividade recreativa, segundo Awad (2012) é o jogo ou a brincadeira.

Portanto, será na modernidade que a recreação é institucionalizada. Conforme tese de Brougère (1998), o surgimento da recreação francesa no século XVII ocorreu pela necessidade dos reformadores combaterem a apatia e a revolta das crianças pobres recolhidas aos depósitos infantis. Assim, junto ao aprendizado de algum ofício, foram desenvolvidos jogos e brincadeiras cantadas para essas crianças serem educadas nos padrões vigentes de civilidade.

Embora autores como Gomes (2003) defendam que o início da recreação ocorra nas primeiras ações governamentais de controle do tempo livre, a partir das experiências dos parques de recreio, que visavam controlar as práticas lúdicas dos operários, há evidências históricas que remetem o surgimento da recreação como um mecanismo de animar o processo de aprendizagem infantil.

No Brasil, está vertente se fez presente por meio da educação salesiana. A educação salesiana tem como um dos seus eixos o "oratório festivo", ou seja, a combinação de educação e religiosidade com um ambiente alegre e associativo. Com isso, os colégios salesianos a partir das tendências associacionistas de Dom Bosco e do seu ambiente educativo trabalhavam com música, práticas esportivas, passeios e excursões. Com essa educação diferenciada, os salesianos chegaram ao Brasil há mais de 145 anos, considerando a recreação como uma ferramenta educativa (ISAÚ, 2007; BORGES, 2003).

Nesta mesma linha, já nos anos 1920, com a Escola Nova, a educação brasileira começa a promover o "fazer lúdico como meio educativo". (MEDEIROS, 2003, p.24). Para tanto, a recreação é inserida como disciplina na formação do curso Normal e obras a respeito começam a ser publicadas. A recreação, neste momento, está baseada especialmente em jogos e músicas com finalidade educativa, tendo em vista sua estreita relação com o ambiente escolar.

Portanto, a raiz moderna da recreação é a atividade pedagógica. Inicialmente para ensinar conteúdos comportamentais ligados a bons hábitos (ligados à saúde, moralidade e preparação para o trabalho); depois para tornar mais agradável o aprendizado de conteúdos (matemática, português, ciências) nas séries iniciais. Por fim, a recreação se tornou um meio generalizado para a aprendizagem.

Todavia, a recreação desde aquela época não estava restrita à escola. Marcassa (2002) pontua que a experiência dos parques de recreio em São Paulo foi um paradigma importante para a relação entre capitalismo e recreação, no sentido da recuperação da força de trabalho e também da educação dos futuros trabalhadores. Naquele momento, a recreação dizia respeito ao tempo e a recreação era relativa ao espaço para ocorrência das atividades. O modelo paulista trazia uma combinação entre o modelo norte-americano (espaços) com o francês (pedagogia) e combinava três elementos: assistência, educação e recreação.

Na Europa e posteriormente nos Estados Unidos, com a finalidade de melhorar a qualidade de vida de pessoas com baixa escolaridade, ofereceu-se uma educação acessível para mudanças nos hábitos higiênicos, na civilidade e na escolaridade. Nessa roupagem, a recreação é difundida especialmente pela Associação Cristã de Moços e Moças (ACM) para diferentes países, em especial na América Latina. Todavia por trás dessas boas intenções, havia também uma estratégia de sedução e controle, a fim de manipular comportamentos e hábitos das massas populares (PEIXOTO, 2008; WERNECK, 2000).

Marcassa (2002) pontua que a recreação desde seu surgimento como tecnologia serviu predominantemente como instrumento de controle da classe trabalhadora, mas, ao mesmo tempo, ela pode cumprir um papel educativo revolucionário na vida das pessoas, como foi no caso de muitos países latinoamericanos. Por isso, a recreação não é necessariamente nem crítica e nem acrítica, mas depende do uso que se faz dela. Ainda que esta constatação fosse óbvia, houve nas últimas décadas

um desprestígio acadêmico da recreação de tal forma que o lazer acabou ganhando status nobre nas investigações e a recreação ficou relegada a uma prática sem fundamentação própria, aspecto que este livro pretende ajudar a superar.

Melo (2012) admite esse equívoco no qual se colocava a recreação apenas como algo alienado, sem perceber suas qualidades e possibilidades de mudança. Ao compreendermos a rica histórica da recreação, é importante rever o potencial operativo de seus procedimentos, tendo em vista desenvolver princípios para a ação.

Na verdade, se formos à história da recreação no Brasil se verá até os anos 1970 que a recreação concentra a maior parte da fundamentação teórica que, posteriormente, será transferida para os estudos do lazer. Segundo Gomes (2003), o lazer era um aspecto relacionado ao tempo livre, enquanto a recreação se preocupava com os conteúdos nesse tempo sem, contudo, limitar-se a ele (visto que parte da recreação não é restrita ao lazer, mas está ligada às atividades lúdicas conduzidas para alguma finalidade; a educação escolar, por exemplo).

É a partir do conceito de Dumazedier, que influenciou fortemente os pesquisadores da recreação e do lazer, que tempo (lazer) e atividade (recreação) começam a ser pensados sob um termo só: lazer, como conjunto de ocupações livremente escolhidas após o trabalho e as obrigações. Com esta mudança, a recreação acaba ficando cada vez mais restrita às técnicas e repertório de atividades. Não por menos, se compararmos os livros de recreação até os anos 1960 com os atuais, veremos que os antigos possuem mais fundamentação teórica, especialmente no tocante às questões do desenvolvimento infantil, da didática e da cultura.

Com isso, estamos afirmando que a recreação já possuiu uma teoria própria que era independente do lazer, pois a recreação não visava apenas o tempo livre. Este histórico é importante para que reconheçamos como a recreação foi mudando ao longo da história, não se restringindo mais nem à escola e nem à infância. Por outro lado, a recreação possui uma tradição que é a orientação de atividades lúdicas, as mais diversas, que sofrem ajustes didáticos e motivacionais conforme o espaço e a especificidade do grupo atendido.

Conclusão

Recreação é lazer? Recreação é lúdico? Recreação é entretenimento? Recreação é a mesma coisa que animação? Certamente você já observou que existem fenômenos que se relacionam com a recreação, mas não a definem. Pois bem, mas o que é recreação?

Após observar sua história, concluímos que recreação é o conjunto de práticas lúdicas organizadas para divertir. Comumente essa diversão é meio para se alcançar ou promover outros aspectos, como saúde, educação, motivação, conscientização, sociabilização, entre outros objetivos. Por isso, você encontrará uma variedade de campos de atuação da recreação, os quais variam de ambiente (hotel, escola, academia, natureza) e público (deficientes, idosos, crianças). Por isso mesmo que também é importante conhecer as variadas estratégias de trabalho possíveis no campo da recreação.

Esse é um diferencial importante da recreação em relação ao lazer. Enquanto no lazer, o enfoque é no que as pessoas fazem para se divertir, na recreação focalizamos o que fazer para as pessoas se divertirem. Para tanto, lançamos mão de atividades como brincadeiras cantadas, animação de palco, esportes adaptados, massagem, caça ao tesouro, gincanas, matroginástica, jogos teatrais, produção de brinquedos, dinâmicas de grupo, piadas, charadas, estafetas, entre outras.

Sabemos que nem toda recreação acontece a rigor no lazer, mas não há dúvida que a recreação é importante para ajudar as pessoas na vivência do lazer. Em uma sociedade urbanizada, as pessoas trabalham geralmente no ritmo industrial, tendo que produzir nas suas 08 horas laborais. As 16 horas restantes do dia são destinadas às necessidades básicas (repouso, limpeza, locomoção, alimentação) e o tempo residual das obrigações é livre para que a pessoa possa fazer opções. Trabalhar mais pode ser uma delas. Outra seria o lazer, um fenômeno moderno marcado pela busca do prazer. Sentar-se debaixo de uma árvore e ver o pôr-do-sol pode ser o lazer escolhido por alguém. Ir ao cinema ou outro entretenimento também é lazer, se for opção da pessoa.

Todavia, a falta de disposição ou conhecimentos para se divertir pode ser um problema a gerar apatia no lazer. Por isso, entendemos que a recreação age como um dispositivo de orientação do espírito lúdico que há em todos nós, renovando o ânimo. Obviamente que é necessária ética na condução da atividade recreativa. Ao ingressar na programação recreativa, a pessoa está consentindo em se desarmar de uma seriedade socialmente construída para se expor a uma experiência que irá liberar suas emoções. Uma recreação conduzida sem cuidados poderá resultar em um lazer patológico (brigas, assédio, *bullying*).

Outro aspecto criticado na recreação é seu uso social para distrair a população da realidade. Na história do país já tivemos programas recreativos que chegaram a manipular e alienar a classe trabalhadora. Era uma forma de controle social. Na atualidade, com o neoliberalismo, também corremos o risco de uma recreação meramente consumista. Sabemos que a origem do recrear é justamente uma diversão que recrie ou reanime as pessoas. Portanto, como recriador ou recriadora nosso foco é proporcionar experiências lúdicas que otimizem o desenvolvimento humano. Logo, um aspecto moral presente na recreação é que as atividades sejam conduzidas de forma solidária, correta e saudável.

Em suma, a recreação precisa estar compromissada com o sucesso das pessoas, para que realizem seu melhor potencial. Enquanto, de forma simples, podemos dizer que o lúdico é a vontade de criar e se divertir, o lazer é a oportunidade que existe no tempo presente para as pessoas buscarem diversão, descanso e desenvolvimento pessoal. Já a recreação é uma forma de conduzir o impulso lúdico, por meio de atividades em um tempo descompromissado ou mesmo compromissado.

Portanto, em relação ao que é a recreação, reafirmamos que ela é uma atividade lúdica dirigida – profissionalmente – com a finalidade guiar a diversão das pessoas, de forma que possam recriar a si mesmas.

O presente livro, portanto, acompanha tanto a tradição educativa e comercial da recreação quanto também proporciona um contato com seus conteúdos (do circo à massagem), com públicos (da criança ao idoso) e, especialmente, os ambientes animados pela atuação profissional do recriador

Giuliano Gomes de Assis Pimentel
Hani Zehdi Amine Awad

REFERÊNCIAS

AWAD, H.Z.A. **Brinque, jogue, cante e encanto com a recreação**: conteúdos de aplicação pedagógica teórico/prático. 4.ed. Várzea Paulista: Fontoura, 2012.

- BORGES, C.N.F. Atividades corporais no ambiente e tempo escolares: uma alternativa de aproximação entre trabalho e lazer. In: MULLER, A; COSTA, L.P. da. (Org.). **Lazer e Trabalho**. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2003, p.45-83.
- BROUGÈRE, G. **Jogo e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- BUSARELLO, R. **Dicionário básico latino-português**. 6.ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.
- GOMES, C. Reflexões sobre os significados de recreação e de lazer no Brasil e emergência de estudos sobre o assunto (1926-1964). **Conexões** (Unicamp), v.1, p.1-14, 2003.
- ISAÚ, M. Da educação social à educação sócio comunitária e os Salesianos. **Revista HISTEDBR**, Campinas, n.26, p.2-24, jun. 2007.
- MARCASSA, L. **A invenção do lazer**: educação, cultura e tempo livre na cidade de São Paulo (1888-1935). 2002. 204f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.
- MEDEIROS, E.B. Reminiscências de uma educadora: mais de meio século de trabalho em recreação e lazer. In: **SEMINÁRIO "O LAZER EM DEBATE"**, 4., 2003, Belo Horizonte. Coletânea. Belo Horizonte: UFMG/ DEF/ CELAR, 2003.
- MELHORAMENTOS. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1997.
- MELO, V.A. Sobre lazer, recreação e animação cultural: apontamentos (ou à busca de um espírito). **Revista Norte Mineira de Educação Física**, Montes Claros, v.1, p.11-20, 2012.
- PEIXOTO, E. O serviço de recreação operária e o projeto de conformação da classe operária no Brasil. **Pro-Posições** (Unicamp. Impresso), v.19, n.1, p.115-140, 2008.
- WERNECK, C.L.G. **Lazer, trabalho e educação**: Relações históricas, questões contemporâneas. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.